

G. AGUIAR

Autora e ilustradora

Bordados Jereza de

Aracaju-SE

Editora ArtNer

2025

© Copyright 2025 by G. Aguiar

Todos os direitos desta edição reservados a autora. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação

Joselito Miranda

Revisão

Gustavo Aragão Cardoso

Ilustrações

G. Aguiar

Fotografia

Jorge Hemrique

Aguiar, G.

A282b Bordados de Teresa. / G. Aguiar.

Aracaju: ArtNer, 2025.

60p.: il.: 21 cm X 21 cm

(Ilustrações de G. Aguiar)

ISBN: 978-65-83131-35-5

1.Literatura Sergipana Juvenil

2. Narrativa – Trajetória - Santa Teresa

3.Santa Teresa de Ávila - Passagens da vida

4. Fé - Espiritualidade

I - Título

CDU: 821.134.3 (813.7) - 94

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

O livro “Bordados de Teresa” foi contemplado por meio do edital da Lei Paulo Gustavo Demais Linguagens / Funcap em 2023.



Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • <http://artner.com.br>

Agradecimentos

A Santa Teresa de Ávila e a Santo Agostinho, doutores da Igreja que intercederam a Deus por mim, quando me senti impotente diante da tamanha responsabilidade que foi escrever *Bordados de Teresa*.

À amiga e idealizadora desta obra, Excelsa Machado, que no voo do seu sonho, desafiou-me a ler e a pesquisar a vida e as obras de Santa Teresa de Ávila, bem como a escrever *Bordados de Teresa* para o público juvenil.

Aos amigos Gustavo Aragão Cardoso e José Pereira da Silva, por suas contribuições, análises e orientações no processo finalístico deste livro.

O destino convidou-me a tecer, com a agulha dos êxtases e linhas finas, uma história antiga, cheia de tramas e dramas, que foi escrita no livro da vida em vinte e oito de março de mil quinhentos e quinze, período do Renascimento. Nessa época, o movimento Renascentista elegia a razão como bússola de todo o conhecimento. Pobre de mim, coitada da minha alma sonhadora! Alma aprendiz da escrita...Minhas mãos foram desafiadas a cingir, cerzir, rebordar, recolorir e emendar retalhos rasgados pelo tempo, na fase em que o homem passava a ser o centro do universo.

Ah, que difícil tarefa é a minha! Vasculhar porões, espanar teias de aranha, pontilhar enigmas e carregar sobre a cabeça um cesto de costura “aparentemente” leve, onde, neste exato momento, início de dois mil e vinte e três, a inteligência artificial não é mais um filme de ficção científica. A contemporaneidade, vestida do inusitado, do imediatismo, da separação entre as peles e da conexão entre tudo e todos, traz, em espaços multimídias, manchetes sobre o mundo inteiro. Uma das mais recentes notícias é que uma equipe internacional de astrônomos descobriu mais de cinco mil planetas fora do nosso sistema solar.

Desculpe-me pela dispersão! Voltando ao ponto inicial da tecelagem que foi interrompida, cabe-me esclarecer: a costura e os bordados estão impregnados em mim desde que conheci a história do amor fiel de Penelope à espera de Odisseu. Por isso, após alinhavos e desalinhavos literários, solicitei o auxílio dessa experiente tecelã, apta em fazer e desfazer tapetes, para juntas, tecermos o mosaico desta narrativa. Assim, passo o fio condutor para ela abrir a primeira trama.

Penélope, com as mãos mais delicadas que a flor-de-veludo, abre o baú das suas preciosas ferramentas de trabalho artesanal: tesoura, agulhas, almofada para alfinetes, tecidos e novelos de todas as cores. Pega um pedaço de etamíne, prepara duas agulhas, uma com linha rosa-chá e a outra com linha branca e, logo, pontilha a gênese da vida de Teresa:



O padre da igreja de San Juan encerra o ritual do batismo, derrama água benta sobre a cabeça da criança, que chora feito um bezerro desmamado quando sente o impacto da água fria.

Ligeira como uma águia que tenta proteger seu filhote, Beatriz Ahumada toma a pequena Teresa dos braços da madrinha e a acalanta:

Duérmete, niña, duerme,

Duerme, mi alma,

Duérmete, lucerita

De la mañana.

Naninta, nana,

Naninta, nana.

Duérmete, lucerita

De la mañana.

Nesse instante, Dom Alonso Sanchez, fidalgo de Ávila, filho de um importante comerciante de tecidos da cidade de Toledo, oferece o braço à jovem esposa e sai com a família para comemorar o batizado. As crianças mais velhas puxam a saia de veludo bordado, em formato guarda-chuva, de Beatriz, tentando apressá-la. Elas não conseguem esperar um minuto a mais. As bocas da criançada transformam-se em fontes só de pensarem nas gemas de Ávila e outros doces à base de canela e cascas de laranjas, que as aguardam sobre a mesa da cozinha.

Não tão distante, outro cenário é traspassado para complementar o jogo desta saga. No mesmo dia em que Teresa recebe o sacramento do batismo, é inaugurado o convento da Encarnação. As cenas do batismo de Teresa e da inauguração do mosteiro são embaladas pelas mãos de Cronos, para ressurgir uma nova peça e compor o manto de palavras.